

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

**REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS, SATISFAÇÃO
COM AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E CONFIANÇA**



ANDREIA RAQUEL DIAS MONTEIRO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Coimbra, 2014



REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS, SATISFAÇÃO COM AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E CONFIANÇA

ANDREIA RAQUEL DIAS MONTEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, Setembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Com a finalização desta etapa não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida pessoal e profissional.

À minha orientadora Professora Doutora Sónia Guadalupe, expresso o meu profundo agradecimento pelo acompanhamento, orientação, disponibilidade, paciência e apoio incondicionais que muito elevaram os meus conhecimentos e o qual foi transmitido ao longo de toda esta caminhada. Um Obrigado com gratidão pela pessoa e profissional que sempre demonstrou ser, não só pela confiança que depositou, desde o início, mas também, pelo sentido de responsabilidade que me incutiu em todas as fases.

Agradeço à minha família que sem ela dificilmente conseguiria chegar até aqui. Por estarem sempre lá para me amparar, para me criticar, para me felicitar fazendo-me sentir uma pessoa melhor. Espero que esta etapa, que agora termino, possa, de alguma forma, retribuir e compensar todo o carinho, apoio e dedicação que, constantemente, me oferecem. Obrigada Mãe, Obrigado Pai, Obrigado avós, por tudo.

Ao Luís, um agradecimento especial pelo apoio e carinhos diários, pelas palavras de ânimo, força e confiança, em todos os momentos. Obrigado por me fazeres sempre sentir capaz de superar qualquer adversidade estando a meu lado a 100%.

A todos os meus amigos, pelo apoio e por todos os momentos partilhados durante estes anos de vida académica.

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer a todos os idosos que colaboraram e que assim contribuíram para a realização deste projeto de investigação

Obrigada a todos por terem sido e por continuarem a ser um pilar da minha vida!

RESUMO

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo geral caracterizar as redes sociais pessoais dos idosos com idade igual ou superior a 65 anos, analisando-as segundo o nível de satisfação com as relações interpessoais e a confiança nos outros.

Metodologia: Este é um estudo descritivo e correlacional, privilegiando a análise bivariada. Os dados foram recolhidos através do Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal, IARSP-Idosos (Guadalupe, 2009; Guadalupe & Vicente, 2012) e de uma escala de avaliação da Satisfação com as Relações Interpessoais, construída para o efeito, e de uma questão relacionada com a Confiança.

Participantes: A amostra é constituída por 446 indivíduos, maioritariamente do sexo feminino ($n=285$; 63,9%), com idades compreendidas entre os 65 e os 98 anos; a maioria tem filhos ($n = 389$; 87,2%), e cerca de 80,0% ($n = 357$) vivem na sua casa, sendo a zona de residência essencialmente rural (61,2%; $n = 273$). A maioria tem escolaridade (65,9%; $n = 294$), sobretudo ao nível do quarto ano ($n= 226$; 50,7%).

Resultados: Os resultados demonstram que os idosos do sexo feminino, com ≤ 75 anos, casado/a ou em união de fato, com filhos, que vivem acompanhados, com o 4^a ano de escolaridade e que não registam qualquer corte relacional, são os que mais confiam nos outros. Registam-se diferenças nas características funcionais da rede segundo esta variável, o que não acontece nas estruturais, com a exceção da proporção das relações com técnicos ($p = 0,042$) e nas relacionais-contextuais. A confiança nas pessoas com quem se relaciona correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a satisfação com os filhos, com os netos, com outros parentes, com os amigos e com os vizinhos ($p<0,001$).

Conclusões: Numerosas variáveis sociodemográficas não aparentam estar relacionadas com a confiança nas pessoas com quem os idosos se relacionam, nas múltiplas dimensões consideradas. Em contrapartida, as variáveis que aparecem relacionadas com a confiança, são aquelas que, de forma mais ou menos direta, estão igualmente associadas ao domínio pessoal. É de salientar que no que respeita a esta variável se verificam diferenças nas características funcionais da rede o que não acontece nas estruturais e nas relacionais-contextuais. As relações familiares de filhos, netos e outros parentes são as que mais se associam à confiança e ao apoio social percebido pelos idosos, o qual é complementado por outras relações interpessoais, designadamente as que são estabelecidas com amigos e vizinhos.

Palavras-chave: Idosos; Relações Interpessoais; Confiança; Redes sociais pessoais

ABSTRACT

Objetives: This study has the general objective to characterize the personal social networks of the elderly aged over 65 years, analyzing them according to the level of satisfaction with interpersonal relationships and trust in others.

Methodology: This is a descriptive and correlational study, focusing on bivariate analysis. Data were collected through the Personal Social Networks Analysis Tool, IARSP-Elderly (Guadalupe, 2009; Vicente & Guadalupe, 2012) and a scale measuring satisfaction with interpersonal relations, purpose built, and a question related to the trust.

Participants: The sample includes 446 individuals, mostly female ($n = 285$; 63,9%), aged between 65 and 98 years old; most have sons/daughters ($n = 389$; 87,2%), and about 80,0% ($n = 357$) are living in their home, mostly in rural areas (61,2%, $n = 273$). The majority have education (65,9%, $n = 294$), especially at the level of the fourth year ($n = 226$; 50,7%).

Results: The results show that the elderly female, with ≤ 75 , married, with children, living together, with the 4th grade, and did not record any relational cut, are the ones that rely in the others. We found differences in the functional characteristics of the network according to this variable, what does not happen on the structural variables, with the exception of the proportion of relations with workers in social services ($p = 0,042$), and on the relational-contextual. The confidence in the people he meets, correlates positively and statistically significant satisfaction with the children, with grandchildren, other relatives, friends and neighbors ($p < 0,001$)

Conclusions: Numerous sociodemographic variables do not appear to be related to trust in the interpersonal relationship, in the multiple dimensions considered. In contrast, the variables which appear related to trust are those which are associated with the personal domain. It is noteworthy that we have found differences in the functional characteristics of the network but not in the structural and the relational-contextual. Family relationships of children, grandchildren and other relatives are the most associated to the confidence and social support perceived by the elderly, which is complemented by other interpersonal relationships, including those with established friends and neighbors.

Keywords: Senior citizens; Interpersonal Relations; confidence; Personal social networks

ÍNDICE

Introdução	1
Envelhecimento	1
Rede Social e Envelhecimento	2
A importância da confiança nas relações interpessoais	6
Objetivos	10
Material e Métodos	11
Procedimentos	11
Instrumentos	12
Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-Idosos)	12
Participantes	13
Análise de dados	15
Resultados	16
Discussão e conclusão	26
Referências bibliográficas	32
Anexo I- Bateria de testes redes sociais pessoais de idosos	

Fonte da imagem:

<http://sociedaderacionalista.org/wp-content/uploads/2011/08/ALZcuidadordeidosos.jpg>

E-mail: andreia.raquel20@gmail.com

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona	15
Tabela 2. Estatística descritiva das características estruturais, densidade e características funcionais das redes sociais pessoais	17
Tabela 3. Características estruturais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona	19
Tabela 4. Características funcionais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona	20
Tabela 5. Características relacionais-contextuais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona	20
Tabela 6. Outras características segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona	21
Tabela 7. Confiança nas pessoas com quem se relaciona de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede	21
Tabela 8. Características descritivas da satisfação com as relações interpessoais	22
Tabela 9. Características descritivas do nível de satisfação com as relações interpessoais de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede	23
Tabela 10. Coeficiente de correlação de Spearman entre as Características Funcionais da Rede Social Pessoal, confiança nas pessoas com quem se relaciona e a satisfação com as relações interpessoais	24

INTRODUÇÃO

Envelhecimento

O Envelhecimento é um processo universal, inerente a todos os seres vivos (Aiken, 1995). O processo de envelhecimento é referido como sendo dividido em três componentes: a) o processo de envelhecimento biológico que resulta da vulnerabilidade crescente e de uma maior probabilidade de morrer, a que se chama senescência, b) um envelhecimento social, relativo aos papéis sociais, apropriado às expectativas da sociedade para este nível etário e c) o envelhecimento psicológico, definido pela auto-regulação do indivíduo no campo de forças, pelo tomar decisões e opções, adaptando-se ao processo de senescência e envelhecimento (Schroots & Birren, 1980, cit in. Paúl, s.d).

Desde tempos perdidos no passado, que a problemática do envelhecimento tem sido assunto do âmbito filosófico. Disse Platão que toda a "filosofia é uma meditação relacionada com a morte", em que as terapias propostas eram, e foram através dos tempos, alicerçadas em crenças mágicas e obscuras e reduzidas a elixires de juventude que visavam suprimir os efeitos do curso da idade (Gyll, 1998, cit in. Martins, 2002).

Em Portugal, é na década de 50, com o pioneiro José Reis, que começam a surgir as primeiras preocupações geriátricas (Martins, 2002). Apesar do esforço e da sua persistência para impulsionar o interesse por uma nova doutrina médica - a Geriatria - a favor dos seres humanos até então singularmente negligenciados continuou a pensar-se e a agir-se segundo modelos tradicionais de prevenção, de diagnóstico, de tratamento e de prognóstico, e muito poucas vezes de reabilitação (Martins, 2002). O aumento da longevidade e dos aspetos a ela inerentes fazem do fenómeno envelhecimento uma questão de estudo atual, que merece uma reflexão mais aprofundada do ponto de vista da saúde (Martins, 2002).

O efeito cumulativo da diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade ao longo de várias décadas tem vindo a alterar o perfil demográfico da população portuguesa, cujo traço mais marcante é o progressivo envelhecimento da sociedade

portuguesa. O envelhecimento resulta da transição demográfica das sociedades, definida como a passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo de níveis baixos dos mesmos e, simultaneamente, um aumento generalizado da esperança média de vida das populações (Chau, Soares, Fialho & Sacadura, 2012).

Esta melhoria da esperança média de vida dos portugueses, tem sido muito expressiva na segunda metade do séc. XX; em 1940, os homens tinham uma esperança média de vida de 48,6 anos mas a geração dos de 2001 apresenta uma esperança média de 71,2 anos; para as mulheres, a esperança média era de 52,8 anos em 1940 e as da geração de 2001 apresentam já uma esperança média de 80,5 anos (Chau et al., 2012).

De acordo com os Censos 2011, o índice de envelhecimento da população era de 128, o que significa que por cada 100 jovens existiam 128 idosos (Lemos, 2013). Segundo os dados das Nações Unidas, para 2007, Portugal era o décimo país do mundo com maior percentagem de idosos e o décimo quarto com maior índice de envelhecimento. A população com mais de 15 anos deverá crescer até 2040 mas a população ativa deverá diminuir na década de 20; a população com mais de 65 anos deverá aumentar de 19% em 2011 para 32% em 2050; por outro lado, a população com mais de 80 anos deverá ultrapassar o valor de 1 milhão na década de 40, atingindo 1,3 milhões no final do período de projeção. O peso da população jovem (0 aos 14 anos) diminui progressivamente ao longo do período de projeção, passando de 14,9% em 2011 para 13,8% em 2020 e 12,1% em 2050. O peso da população ativa (15 aos 64 anos) deverá passar de 65,9% em 2011 para 59,5% em 2040 e 56,0% em 2050. O da população idosa (65+) no total aumenta progressivamente de 19,2% em 2011 para 32,0% em 2060. Neste grupo etário, de acordo com as projeções disponíveis, o peso da população com mais de 80 anos de idade poderá passar de 4,5% em 2010 para 5,8% em 2020 e 10,9% em 2050 (Chau et al., 2012).

Rede Social e Envelhecimento

O estudo da rede social ocorre desde a década de 50, por autores como – Kurt Lewin, Moreno, Specck, Arrneave e Barnes, não só ligados à área da terapia, mas

também da antropologia, biologia e ciências sociais, que ajudaram a compreender a rede social pessoal como “estruturas sociais de amplitude e grau de intimidade comparável às da família e clãs, mas que não se baseiam unicamente no grau de parentesco” (Aun, 1999).

É na década de 70 que o trabalho com redes ganha visibilidade, em especial no campo da saúde mental, com os trabalhos de terapia de família e comunidades, tendo como representante destas ideias o psiquiatra argentino Carlos Sluzki (1997) que defende que “desde o nosso nascimento até a nossa morte, nós seres humanos participamos de um trama interpessoal que nos molda e que contribuimos para moldar: a nossa rede social. Essa trama está constituída no início pela nossa família, mas poucos anos depois já se expande para incluir amigos, colegas de escola e de trabalho e relações comunitárias ou de serviços (Sluzki, 1997). Na rede social do individuo podem ainda distinguir-se três áreas: a) relações íntimas, composta por familiares diretos com os quais existe um contato diário e por amigos próximos; b) relações pessoais, com menor grau de compromisso, composta pelas relações sociais ou profissionais com contacto pessoal mas sem intimidade, por amizades sociais e por familiares; c) relações ocasionais, composta por conhecidos da escola ou do trabalho, por vizinhos e por familiares afastados (Sluzki, 1997). A rede social pessoal pode então ser definida como uma “soma de todas as relações que um individuo percebe como significativas” (Sluzki, 1997, p. 41), acrescentando-se ainda que esta rede contribui para o próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua autoimagem.

A definição mais alargada que conhecemos refere-se à rede social como um conjunto de nós e laços de ligação entre os nós, em que os nós podem ser pessoas, grupos, empresas ou outras instituições (Wellman, 1981, cit in. Guadalupe 2001).

Portanto, a rede social do indivíduo está sempre presente em toda a vida, contribuindo para a estruturação da sua identidade. Todas as pessoas que fazem ou fizeram parte da nossa rede contribuíram para a formação da nossa identidade de alguma forma, já que a “nossa identidade constrói-se e reconstrói-se nestas relações, através dos significados atribuídos pela linguagem, tudo aquilo que falaram de nós e

para nós, e o que falamos aos outros e dos outros, são também uma rede; uma rede de significados" (Feijó, 2002, p. 24).

Sluzki (1997) aponta, a partir da sua investigação da relação entre rede social e saúde, que: "a pobreza relativa de relações sociais constitui um fator de risco para a saúde comparável ao fumar, à pressão arterial elevada, à obesidade e a ausência de atividade física. Esses esboços de direccionalidade da correlação entre rede e saúde possuem importantes implicações clínicas assim como para o planeamento da saúde pública" (Sluzki, 1997, p. 69).

Ao examinar-se a evolução do mapa da rede social, durante o ciclo de vida, observam-se três fatores que ocorrem no envelhecimento, e que causam impacto na rede social pessoal: a) redução dos vínculos existentes, por morte, ou enfraquecimento dos seus membros, o que vai causar uma retração da rede social; b) menos oportunidade para renovação da rede social, assim como menos motivação para estabelecer novos vínculos; c) maior dificuldade para a manutenção da rede social, devido à diminuição da mobilidade e da acuidade sensorial, reduzindo as habilidades e o interesse em expandir a rede (Sluzki, 1997).

O papel das redes sociais no processo de envelhecimento refere-se ao seu efeito protetor de evitar o stresse ou o efeito de "almofada" que amortece o stresse associado ao envelhecimento. Devemos diferenciar entre as redes familiares e as redes de amigos, sendo que a primeira é "involuntária" e baseada no sentido da obrigação, enquanto a segunda é uma escolha "voluntária" (Litwak, 1981, cit in. Paúl, s.d), o que produz efeitos diferentes na qualidade de vida dos idosos, sendo potencialmente mais positivo o efeito das redes de suporte de amigos e vizinhos (Paúl, s.d).

Os idosos tendem a conviver com membros da sua geração, seja para desenvolver atividades de lazer, ou para exercer ações de caráter mais político (Santos & Belo, 2000, cit in. Areosa, Benitez & Wichmann, 2012). As demais pessoas com quem o idoso se relaciona, além dos seus familiares, serviriam como fonte de informação ao desenvolvimento, à manutenção do autoconceito e à regularização das suas emoções (Erbolato, 2006, cit in. Areosa et al., 2012).

O apoio social é um fator importante para a pessoa mais velha se poder manter com autonomia e ter um envelhecimento satisfatório, sem tantos efeitos negativos. Pinazo (2006, cit in. Areosa et al., 2012) aponta que as pessoas de idade que participam em redes sociais de forma ativa e que recebem apoio social informal são as que possuem melhor saúde física e mental. Considera que a família é a principal fonte de apoio informal (Areosa et al., 2012). Este apoio é entendido como a ajuda e a assistência providas e recebidas por pessoas de confiança (Novak & Campbell, 2006; McDowell, 2006, cit in. Ferreira & Marques, 2012), existindo três tipos de apoio: emocional, instrumental e de aconselhamento.

Atendendo aos seus aspetos benéficos, levanta-se a hipótese de as redes interpessoais favorecerem a obtenção de apoio social e constituírem um fator de proteção contra as situações isolamento que tornam vulneráveis, sobretudo, as pessoas de mais idade. Numa lógica contrária, depreende-se que os indivíduos sem redes interpessoais terão menos relações de suporte social. Também é expectável que as relações de apoio social não sejam exclusivamente unidirecionais nem estejam dotadas de um carácter estritamente funcional visando colmatar estados de dependência; constituindo, ao invés disso, verdadeiras relações bilaterais de solidariedade entre o inquirido e os membros da sua rede interpessoal, considerando-se essenciais para um envelhecimento bem-sucedido (Antonucci, Sherman & Akiyama, 1996; Paúl, 2005, cit in. Ferreira & Marques, 2012).

As relações de apoio emocional são aquelas que são estabelecidas tanto em momentos negativos de tristeza ou de solidão como em momentos positivos de alegria ou de felicidade; as relações de apoio instrumental referem-se às ajudas na realização das tarefas domésticas (limpezas, reparações ou compras) por parte de pessoas não-coabitantes e as relações de aconselhamento reportam-se, como o nome indica, aos conselhos que deram e receberam aquando da tomada de decisões importantes (Ferreira & Marques, 2012).

O empenho em atividades sociais tem sido associado ao aumento do senso de bem-estar em adultos, bem como melhora no funcionamento físico (Everard et al., 2000, cit in. Resende, Bones, Souza & Guimarães, s.d). As redes sociais têm sido referidas como sendo fontes de proteção e manutenção de saúde (Matsukura,

Marturano & Oishi, 2002, cit in. Resende et al., s.d), o relacionamento fortalece a saúde, uma vez que os laços sociais podem estimular o senso de significado ou coerência na vida, neste sentido, o suporte emocional pode ajudar a minimizar o stress (Papalia & Olds, 2000, cit in. Resende et al., s.d). As pessoas que estão em contato com os outros podem ser mais propensas a ter hábitos saudáveis, a ajuda dada ou recebida contribui para o aumento de um sentido de controlo pessoal, tendo uma influência positiva no bem-estar psicológico (Ramos, 2002, cit in. Resende et al., s.d). O suporte social que as redes sociais oferecem, reduz o isolamento e aumentam a satisfação com a vida das pessoas (Carvalho, Lavouras, André, Silva, 2004, cit in. Resende et al., s.d).

Estudos sobre redes sociais na velhice tendem a caracterizar os elementos que fazem parte da rede e a descrever os apoios ou funções assumidas pela rede social. Neste âmbito, vários tópicos têm sido abordados (Sousa, 2009, cit in. Vicente, 2010): tipo de rede e risco de mortalidade nas fases avançadas da vida, presença do cônjuge e frequência de interação com outras pessoas, tipologias de redes sociais e saúde mental, declínio cognitivo, depressão e isolamento, diferenças na rede consoante o género, idade e estatuto socioeconómico (Vicente, 2010, p. 67).

As redes sociais podem assim ser entendidas como o conjunto de contactos pessoais que possibilitam, sobretudo em fases mais avançadas da vida, que os indivíduos mantenham a sua identidade social, recebam apoio emocional, ajuda material, serviços, informação e, ainda, estabeleçam novos contactos sociais (Walker, MacBride & Vachon, 1977, cit in. Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo & Marques, 2013). E porque possibilitam uma incorporação no sistema de normas, controlo e confiança (Coleman, 1988, cit in. Cabral, et al., 2013), apoio social, acesso a informação e a outros recursos (Antonucci & Akiyama, 1995, cit in. Cabral, et al., 2013).

A importância da confiança nas relações interpessoais

A confiança é objeto de debate científico, sobretudo desde há uma vintena de anos (Lucien Karpik, 2003, cit in. Balsa, 2006), embora se conheçam sobre o assunto trabalhos bastante anteriores. Christian Thuderoz (2003, cit in. Balsa, 2006) avança três tipos de razões interdependentes para explicar esta latência da confiança numa

perspetiva sociológica: a denegação de que ela foi objeto por parte dos grandes paradigmas dominantes da sociologia; as condições de vida social, que não a colocavam em primeiro plano; e o facto de se tratar de um conceito suscetível de se exprimir em diferentes registos e de possuir múltiplas dimensões.

No âmbito da Psicologia, este tema ao longo do tempo foi ficando cada vez mais claro uma vez que se começa a defender que não apenas para as crianças, mas para qualquer pessoa em qualquer idade é mais fácil ser feliz e desenvolver as suas aptidões pessoais quando se sente segura de ter acesso a uma (ou mais) pessoas de confiança que a ajudarão, caso se depare com dificuldades (Bowlby, 1973, p. 407). A pessoa em quem se confia proporciona a base segura a partir da qual o seu (a sua) companheiro(a) pode atuar (Bowlby, 1973, p. 407).

A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal de os indivíduos desenvolverem ligações afetivas de proximidade ao longo da existência com o objetivo de atingirem segurança que lhes permita explorar o mundo em seu redor e assim conhecer-se e conhecer o outro (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969, 1973, 1980, 1991, cit in. Matos & Costa, 1996)

Existe um consenso generalizado em torno da ideia de que as relações de confiança se estabelecem sempre que existem situações em que os sujeitos estão em condições, ou se veem na obrigação, de ter de gerir laços sociais marcados pelo risco ou pela incerteza, que decorrem de um conhecimento insuficiente dos recursos disponíveis, das competências dos atores ou dos objetos alibis ou motivações que orientam a relação (Balsa, 2006). A este nível, a confiança pode ser definida como um “determinado nível de probabilidade subjetiva, estimada por um agente, de que um outro agente, ou grupo, empreendera uma ação específica (Williamson, s.d, cit in. Balsa, 2006).

A confiança supõe assim, um laço entre os atores, envolvendo estatutos diferenciados, um determinado nível de conhecimento da situação e dos atores, uma avaliação do comportamento dos atores e da dinâmica das situações, um objeto ou alibi e um tempo (Balsa, 2006). O conhecimento e a avaliação das situações por parte dos atores permitem questionar o próprio sentido da relação de confiança, para lá dos atores que a estabelecem e das circunstâncias em que o fazem. Seguindo o

raciocínio iniciado por G. Simmel e desenvolvido por A. Giddens, a relação de confiança baseia-se num conhecimento imperfeito dos dados que constroem a situação: “aquele que sabe não precisa de depositar confiança, aquele que nada sabe não pode, sensatamente confiar” (Simmel, cit in. Balsa, 2006, p. 8).

A confiança é um sentimento que remete o individuo simultaneamente para si mesmo (confiança em si) e para o mundo que o rodeia (confiança no ambiente social e técnico, natural e sobrenatural), estando os dois ligados (Balsa, 2006)

As redes de confiança dizem respeito às relações interpessoais que os inquiridos estabelecem com outras pessoas a fim de falarem sobre assuntos importantes e partilharem preocupações ou problemas quotidianos (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo & Marques, 2013). Estudos têm demonstrado que estas relações são capazes de moderar o stress em pessoas com problemas de saúde, que sofrem a morte do cônjuge ou até mesmo problemas financeiros (Silverstein & Bengston, 1994, cit in. Ramos, 2002, p. 157). A comunicação entre as pessoas nem sempre é funcional. Para isso é necessário aprender algumas habilidades e adquirir conhecimentos acerca das consequências de cada uma das atitudes inerentes ao processo de comunicação. Uma das habilidades é aprender a confiar (Fachada, 1991).

Existem estudos nos quais as redes sociais são operacionalmente definidas a partir das relações de confiança que se estabelecem com as pessoas com quem se conversa sobre assuntos importantes e problemas quotidianos e de realçar que a esmagadora maioria da população inquirida estabeleceu contactos interpessoais de confiança (Ferreira & Marques, 2012). Embora cerca de 92% dos inquiridos afirme ter alguém com quem conversar sobre assuntos importantes, o peso dos indivíduos sem relacionamentos interpessoais ainda é expressivo (8%) (Ferreira & Marques 2012). Confiar nos outros constitui um processo onde cada um que intervém na relação corre pequenos riscos, ou seja, para se poder falar de uma relação de confiança é necessário ter a certeza de que o outro também partilhará da mesma necessidade (Fachada, 1991).

Quando se experimenta a confiança na relação com os outros, está subjacente a essa confiança: a contingência, a previsibilidade e as opções alternativas (Fachada, 1991). A contingência significa que numa determinada situação, os resultados da

ação de uma pessoa afete a outra pessoa significativamente, ou seja, se o comportamento da outra pessoa não tem qualquer efeito não há necessidade de ter confiança nela. A previsibilidade relaciona-se com o grau de certeza que se tem acerca daquilo que a outra pessoa fará ou não fará. Nesta dimensão é possível prever o comportamento ou as intenções da outra pessoa. Se se tem uma certeza mínima acerca do comportamento possível de outra pessoa pode-se ter uma pequena esperança de que seja como se espera, mas não se pode ter ainda a experiência da confiança. As opções alternativas implicam que se possa escolher outra atitude além da confiança. Para que haja confiança é necessário que as três características atrás referidas estejam presentes (Fachada, 1991).

A existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que mostram que se preocupam, que valorizam e gostam do outro levam ao que se entende por suporte social (Sarason, et al, 1983, cit in. Ribeiro, 1999, p. 547). Cobb (1976, cit in Ribeiro, 1999, p. 547) define suporte social como informação pertencente a uma de três classes: informação que conduz o sujeito a acreditar que ele é amado e que as pessoas se preocupam com ele; informação que leva o indivíduo a acreditar que é apreciado e que tem valor; informação que conduza o sujeito a acreditar que pertence a uma rede de comunicação e de obrigações mútuas. O suporte social envolve assim várias dimensões, ligações sociais, redes sociais, contactos sociais, acessibilidade, confidentes e a companhia humana (Barbosa, 1989)

As redes formadas por familiares, amigos oferecem aos idosos suporte social na forma de amor, afeição, preocupação e assistência (Cockerham, 1991, cit in. Ramos, 2002, p. 157). Como assinalou Weiss (1974, cit in. Guiomar, 2010) as funções proporcionadas pelo suporte social incluem desde a integração social, a estima, os laços de confiança, a orientação, até à oportunidade de expressão de sentimentos positivos.

Cruz (2001) define genericamente este conceito como a utilidade das pessoas (que amam, que valorizam e se preocupam) e nas quais se pode confiar ou com quem se pode contar, em qualquer circunstância. O apoio assume-se assim, como um processo promotor de assistência e ajuda, através de fatores de suporte, que facilitam e asseguram a sobrevivência dos seres humanos.

A confiança não tem no entanto, que ser necessariamente obrigatória na relação interpessoal, devendo ser uma opção consciente a ter na relação. A confiança surge porque se é influenciado pelo comportamento da outra pessoa e se é capaz de prever como é que essa pessoa se comporta perante o outro (Fachada, 1991).

Numa situação em que uma pessoa se torne vulnerável a outra pessoa, ou seja, quando se aceita que uma pessoa possa afetar o outro e se o outro aceita o envolvimento inicial sem o ferir tornando-se também vulnerável face ao outro, pode se estabelecer uma confiança mútua (Fachada, 1991).

Para que uma relação de confiança se estabeleça é necessário: a) Que se confie no outro, mesmo que não se tenha a certeza de que essa confiança é recíproca; b) Que os dois estejam disponíveis para o ato de confiar; c) Os dois deverão querer negociar um processo onde os riscos aumentam progressivamente. Para se obter confiança do outro é necessário se tomar iniciativa e não esperar que o outro a tome primeiro. Se se quer ser visto como uma pessoa de confiança tem que se fazer o primeiro gesto, o que implica sempre um certo risco (Fachada, 1991).

Objetivos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga e do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE).

O estudo pretende descrever e tipificar as redes sociais dos idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares, relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e de participação social. Integra diversos estudos seccionais, utilizando as metodologias quantitativas e de análise de redes sociais (*ego network analysis*).

O objetivo central deste estudo é caracterizar as redes sociais pessoais dos idosos com idade igual ou superior a 65 anos, analisando-as segundo o nível de satisfação com as relações interpessoais e a confiança nas pessoas com quem se relacionam. Como objetivos específicos determinaram-se: 1) analisar a relação entre variáveis

sociodemográficas e a confiança nas pessoas com quem se relacionam; 2) caracterizar em termos estruturais e funcionais as redes sociais pessoais dos inquiridos; 3) analisar a relação entre as variáveis estruturais e funcionais da rede e a confiança nas pessoas com quem se relacionam; 4) analisar as características descritivas da satisfação com as relações interpessoais; 5) caracterizar a satisfação com as relações interpessoais de acordo com a existência de cortes relacionais na rede; 6) correlacionar as características funcionais, a confiança e as relações interpessoais.

MATERIAL E MÉTODOS

Procedimentos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” da responsabilidade das Professoras Doutoradas Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e do Professor Doutor Henrique Vicente, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga e do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE).

O projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” utiliza um protocolo de recolha de dados com 8 seções de questões, a saber:

- 1) Características sociodemográficas e familiares;
- 2) Características socioprofissionais e de aposentação;
- 3) (E) Migração;
- 4) Saúde e qualidade de vida;
- 5) Solidão e depressão;
- 6) Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente;
- 7) Participação social;
- 8) Rede social pessoal.

Para este estudo procedeu-se a um contato inicial com idosos institucionalizados e não institucionalizados, tendo sido explicados os objetivos do estudo, para que fosse possível proceder-se à administração de uma bateria de testes. Foi lido o

consentimento informado a cada idoso, procedendo-se seguidamente à apreciação do idoso em situação de entrevista.

O inquiridor orientou a entrevista que decorreu em local onde o participante se sentisse mais à vontade, nomeadamente, em casa própria ou em casa de familiares. Cada entrevista durou entre 45 a 90 minutos, dependendo principalmente da idade do entrevistado e do tamanho da rede social pessoal, tendo-lhes sido administrados todos os protocolos acima referidos. A recolha dos dados decorreu entre novembro de 2013 e março de 2014.

Instrumentos

Neste estudo foi utilizado o método de investigação quantitativa através do inquérito por questionário (Anexo I) direcionado a pessoas com mais de 65 anos de idade.

Foi utilizada uma bateria composta por um inquérito por questionário e um conjunto de testes, a saber: Inventário de Satisfação com a Reforma, MHI-5 - Mental Health Inventory, Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15, Escala de Solidão da UCLA, SWLS - Satisfaction With Life Scale, Coping Resiliente, WHOQOL - World Health Organization Quality of Life Instruments e o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-Idosos) (Guadalupe & Vicente, 2012).

Neste estudo foi utilizada uma escala, construída para este efeito, e que avalia a Satisfação com as Relações Interpessoais (cônjuge, filhos, netos, outros parentes, amigos e vizinhos) dividida em quatro níveis de satisfação “nada satisfeito”, “pouco satisfeito”, “satisfeito” e “muito satisfeito”. Foi também abordada a questão “confia nas pessoas com que se relaciona” que remete para a Confiança nas pessoas com quem o inquirido se relaciona, dividida em “nada ou pouco” e “muito”.

Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-Idosos)

O instrumento original, desenvolvido e adaptado por vários autores em contexto nacional (Guadalupe, 2009; Alarcão & Sousa, 2007; Vicente, 2010), consiste numa entrevista semi-estruturada que possibilita a avaliação de diversas dimensões e variáveis da rede pessoal do inquirido.

Relativamente a versões anteriores, o questionário utilizado para este estudo foi submetido a algumas alterações, tendo sido retirados alguns itens e acrescentadas algumas componentes, tais como a mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação, perdas, cortes relacionais, satisfação com a rede e satisfação com o suporte social, e a presença ou não de um cuidador. Estes aspetos permitem um estudo mais pormenorizado acerca da perceção que o idoso tem relativamente à satisfação com a rede e a sua posição perante a mesma.

Avalia neste estudo em concreto variáveis como o tamanho da rede, o número de campos relacionais, a proporção das relações na rede, o nível de densidade, os diferentes tipos de apoios, o nível de satisfação quer com o suporte quer com a rede, a frequência de contactos, a dispersão geográfica, a durabilidade da relação, o tipo de densidade, a heterogeneidade de género e de idade, a existência ou não de cortes relacionais, o nível de confiança nas pessoas com quem os idosos se relacionam, assim como o nível de satisfação com as relações interpessoais.

Participantes

Participaram neste estudo 446 indivíduos de ambos os sexos. Tal como se pode verificar na tabela 1 a análise da distribuição por género revela uma amostra composta maioritariamente pelo sexo feminino ($n=285$, 63,9%), sendo o sexo masculino representado por 36,1% do total da amostra ($n = 161$). A média das idades é de 76 anos ($DP = 7,59$). O sujeito mais novo tem 65 anos e o mais velho 98 anos. Verifica-se na amostra total que 49,8% tem menos de 75 anos de idade, 36,5% encontram-se entre os 76-85 anos e 13,7% dos idosos têm 86 ou mais anos. No que se refere ao estado civil, 51,6% ($n = 230$) são casados e/ou união de facto, 35,7 % ($n = 159$) são viúvos, 8,1% ($n = 36$) são solteiros e 4,7% ($n = 21$) são divorciados. A maioria dos idosos tem filhos ($n = 389$, 87,2%), comparativamente com os que não têm filhos ($n=57$, 12,8%).

No que se refere aos tipos de família (padrões de coabitação), verifica-se uma predominância de indivíduos que vivem em casal, 34,5% ($n = 154$), 20,9% ($n = 93$) vivem sozinhos, 16,4% ($n = 73$) dos casos vive o casal com elementos da família alargada, sendo que 8,1% ($n = 36$) não vivem em contexto familiar.

Quanto à habitação 80,0% ($n = 357$) vivem na sua casa, 8,7% ($n = 39$) dos idosos vivem em casa de familiares e, 9,0 % ($n = 40$) dos idosos vivem em instituição. A zona de residência é essencialmente rural 61,2% ($n = 273$), 25,6% ($n = 114$) vivem numa zona suburbana e 13,2% ($n=59$) vivem em zona urbana. Em termos de escolaridade, a maioria dos idosos apresenta escolaridade 65,9% ($n = 294$), sobretudo ao nível da quarta classe ($n= 226$; 50,7%), já 34,1% ($n = 152$) não tem escolaridade.

Verificamos que no que diz respeito à distribuição da população do sexo feminino, pelos dois grupos definidos para comparação, observa-se que há 17,3% de idosas que não confiam ou confiam pouco nas pessoas com quem se relacionam, enquanto que 46,6% confiam nestas mesmas pessoas com quem mantêm um relacionamento. Quanto aos idosos de sexo masculino reparamos que 26,7% confiam nas pessoas com quem se relacionam, sendo que 9,4% não confiam ou confiam pouco.

É de facto interessante verificar que as pessoas com o estado civil de casado/a ou em união de facto são aquelas que têm uma maior confiança nas outras pessoas (41,3%), enquanto que os divorciados são os que menos confiança têm nos outros indivíduos. Já no que diz respeito ao facto de viverem ou não sós, verifica-se que as pessoas que vivem com algum elemento, são as que confiam mais nas pessoas com quem se relacionam (60,1%), contra 20,0% que não confiam ou confiam pouco. Relativamente aos que vivem sós 13,2% das pessoas confiam muito nos outros, enquanto que 6,7 % não confiam ou confiam pouco.

Assinale-se que em duas variáveis sociodemográficas (estado civil e com ou sem filhos) encontramos associações significativas sendo os valores de $p \leq 0,001$ e 0,000 respetivamente.

Tabela 1.

Características sociodemográficas da amostra segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona.

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	n=119 (26,7%)	n=327 (73,3%)	N=446 (100%)	Qui- Quadrado
	n (% total; % na subamostra)	n (% total; % na subamostra)	N (% total / % na subamostra)	
Sexo				$\chi^2= 0,046$; gl=1 $p=0,831$
Masculino	42 (9,4 %; 35,3 %)	119 (26,7 %; 36,4 %)	161 (36,1%)	
Feminino	77 (17,3 %; 64,7 %)	208 (46,6 %; 63,6 %)	285 (63,9%)	
Idade (Grupo Etário)				$\chi^2= 0,016$; gl=2 $p= 0,992$
<=75	59 (13,2 %; 49,6%)	163 (36,5%; 49,8%)	222 (49,8%)	
76-85	44 (9,9 %; 37,0%)	119 (26,7 %; 36,4%)	163 (36,5%)	
86 +	16 (3,6 %; 13,4 %)	45 (10,1%; 13,8 %)	61 (13,7%)	
Estado Civil				$\chi^2= 15,411$; gl=3 $p= 0,001$ $\Phi=0,186$
Solteiro/a	17 (3,8%; 14,3 %)	19 (4,3%; 5,8%)	36 (8,1%)	
Casado/a ou em união de fato	46 (10,3 %; 38,7 %)	184 (41,3%; 56,3 %)	230 (51,6%)	
Viúvo/a	48 (10,8%; 40,3 %)	111 (24,9%; 33,9 %))	159 (35,7%)	
Divorciado/a	8 (1,8 %; 6,7 %)	13 (2,9%; 4,0 %)	21 (4,7%)	
Com ou sem Filhos				$\chi^2= 19,557$; gl=1 $p= 0,000$ $\Phi=0,209$
Com filhos	90 (20,2%; 75,6 %)	299 (67,0%; 91,4%)	389 (87,2%)	
Sem filhos	29 (6,5%; 24,4 %)	28 (6,3%; 8,6 %)	57 (12,8%)	
Vive				$\chi^2= 2,806$; gl=1 $p= 0,094$
Vive Só	30 (6,7%; 25,2 %)	59 (13,2%; 18,0 %)	89 (20,0%)	
Não vive só	89 (20,0%; 74,8 %)	268 (60,1%; 82,0 %)	357 (80,0%)	
Habilitações Literárias				$\chi^2= 3,541$; gl=6 $p= 0,739$
Não sabe ler nem escrever	24 (5,4%; 20,2 %)	46 (10,3%; 14,1 %)	70 (15,7%)	
Sabe ler e escrever	24 (5,4%; 20,2 %)	58 (13,0%; 17,7 %)	82 (18,4%)	
4ª Classe	56 (12,6%; 47,1 %)	170 (38,1 %; 52,0 %)	226 (50,7%)	
Ensino Preparatório	4 (0,9%; 3,4 %)	13 (2,9%; 4,0 %)	17 (3,8%)	
9º Ano	5 (1,1%; 4,2%)	18 (4,0%; 5,5 %)	23 (5,2%)	
12º Ano	2 (0,4%; 1,7 %)	7 (1,6%; 2,1 %)	9 (2,0%)	
Ensino Superior	4 (0,9%; 3,4 %)	15 (3,4%; 4,6 %)	19 (4,3%)	

Notas: n= número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl= graus de liberdade; p = nível de significância

Análise de dados

Para o tratamento estatístico dos dados recorremos ao programa informático de análise estatística, o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 21.0. para Windows.

Os procedimentos estatísticos foram escolhidos de acordo com os objetivos e com as hipóteses do estudo e com o tipo de variáveis em causa.

Para efetuar a análise de dados recolhidos, tornou-se necessário determinar medidas de estatística descritiva, designadamente: média, mediana, desvio-padrão, mínimo e máximo, bem como frequências e percentagens.

Recorremos ao teste do Qui-quadrado para explorar associações entre os níveis de confiança e as variáveis sociodemográficas da amostra, bem como o nível de satisfação com as relações interpessoais e a existência ou não de cortes relacionais na rede. O teste de U de *Mann Whitney* foi usado para testar diferenças entre grupos, nomeadamente entre as características estruturais e funcionais da amostra e o nível de confiança nas pessoas com quem se relacionam. Para estudar as correlações, recorreu-se a correlação de *Spearman*.

RESULTADOS

Estudo descritivo da rede social pessoal dos inquiridos

De seguida, são apresentados os resultados mais importantes da presente investigação.

Na tabela 2 pode-se verificar que estruturalmente, a rede social pessoal dos participantes apresenta um tamanho médio de 7,78 ($DP=5,30$) indivíduos, variando de 1 a 40. Relativamente à proporção das relações na rede, verificamos que são as relações familiares que apresentam um valor médio maior ($M= 77,42$). Em contrapartida são as relações de trabalho que apresentam um valor médio menor ($M=0,50$). Relativamente ao número de campos relacionais existe uma média de 1,73, em que o mínimo é 1 e o máximo 4. Pode se considerar o nível de densidade da rede como coesa, uma vez que mais de 95% dos membros das redes, em média, estão interligados entre si ($M = 95,79\%$).

Relativamente às características funcionais da rede, foram considerados o apoio emocional, material e instrumental, o apoio informativo, companhia social, acesso a novos vínculos e a reciprocidade de apoio.

Obteve-se assim para o apoio emocionais valores médios de 2,65; para o apoio material e instrumental de 2,23; para o apoio informativo de 2,38; para a companhia social de 2,35 e para o acesso a novos contactos de 2,19. Uma vez que o apoio emocional se encontra muito próximo do valor máximo (3,00), pode afirmar-se que os idosos inquiridos se sentem emocionalmente apoiados pela sua rede.

Tabela 2.

Estatística descritiva das características estruturais, densidade e características funcionais das redes sociais pessoais

	M	Me	DP	Mín.	Máx.	N
Características estruturais						
Tamanho da Rede	7,78	6,00	5,30	1,00	40,00	446
Número de campos relacionais	1,73	2,00	0,82	1,00	4,00	446
Proporção das relações familiares na rede	77,42	87,09	27,19	0,00	100,00	446
Proporção das relações de amizade	12,05	0,00	20,02	0,00	100,00	446
Proporção das relações de vizinhança	8,16	0,00	17,17	0,00	100,00	446
Proporção das relações de trabalho	0,50	0,00	3,44	0,00	36,36	446
Proporção das relações com técnicos	1,21	0,00	5,21	0,00	40,00	446
Nível de densidade	95,79	100,00	12,18	0,00	100,00	416
Características funcionais						
Apoio Emocional	2,65	2,75	0,39	1,00	3,00	446
Apoio Material e Instrumental	2,23	2,29	0,57	1,00	3,00	446
Apoio Informativo	2,38	2,40	0,51	1,00	3,00	446
Companhia Social	2,35	2,33	0,47	1,00	3,00	445
Acesso a novos vínculos	2,19	2,20	0,64	1,00	3,00	444
Reciprocidade de Apoio	3,37	4,00	0,89	1,00	4,00	446
Satisfação com o suporte	2,71	3,00	0,51	1,00	3,00	405
Satisfação com a rede	2,83	3,00	0,40	1,00	3,00	446
Características relacionais-contextuais						
Frequência de contactos	2,21	2,00	0,96	1,00	5,00	446
Dispersão geográfica	2,89	2,80	1,92	1,00	38,00	446
Durabilidade da relação (em anos)	40,89	40,65	11,42	8,00	74,00	441
Outras Características						N
						%
Heterogeneidade de género: sexo na rede (n=446)						
Heterogénea no género					298	66,8
Homogénea género feminino ($\geq 75\%$)					106	23,8
Homogénea género masculino ($\geq 75\%$)					42	9,4
Heterogeneidade etária: idade na rede (n=446)						
Heterogénea na idade					257	57,6
Homogénea no grupo idoso ($\geq 75\%$)					38	8,5
Homogénea no grupo adulto ($\geq 75\%$)					149	33,4
Homogénea no grupo jovem ($\geq 75\%$)					2	0,4
Tipo de densidade da rede (n=416)						
Coesa					378	84,8
Fragmentada					36	8,1
Dispersa					2	0,4

Notas: N= número total de sujeitos; M= média; Me= mediana; DP= desvio padrão; Mín.= mínimo; Máx. = máximo

A reciprocidade de apoio apresenta um valor medio de 3,37, tendo em consideração que o valor mínimo 1 corresponde a “*não dá apoio a nenhuma destas pessoas*” e o máximo 4 “*dá apoio à maior parte destas pessoas*”, o valor obtido revela que os sujeitos percecionam elevados níveis de reciprocidade com os elementos da sua rede.

Relativamente às medidas de satisfação, estas foram subdivididas em dois grupos: satisfação com a rede e satisfação com o apoio social. Ambas assumem um

valor mínimo de 1 e um máximo de 3, com três categorias de resposta “nada”, “pouco” ou “muito satisfeito (a)”. O valor médio obtido para a satisfação com a rede (2,83) foi ligeiramente superior ao valor médio da satisfação com o apoio social (2,71), ambos indiciando elevados níveis de satisfação mas onde se pode concluir que os sujeitos estão mais satisfeitos com a rede do que propriamente com o apoio que recebem.

No que se refere às características relacionais-contextuais, verificamos que a frequência de contactos podia ser cotada de 1 a 5 (1 -“diariamente”, 2-“algumas vezes por semana”, 3-“semanalmente”, 4-“algumas vezes por mês” e 5-“algumas vezes por ano”), apresenta uma média de 2,21 o que revela que os idosos e os respetivos elementos da rede se encontram “algumas vezes por semana”. A dispersão geográfica é também cotada de 1 a 5 (1“na mesma casa”, 2“ no mesmo bairro/rua”, 3“na mesma terra”, 4 “até 50km” e 5 “mais do que 50 Km”), uma vez que o valor médio foi próximo de 3 ($M= 2,89$), verifica-se que os idosos tendem a viver “na mesma terra” que os membros da sua rede. A durabilidade média das relações é de 40,89 anos, variando entre o mínimo 8 e o máximo 74.

Através da análise de outras características da rede, verificamos que relativamente à variável “sexo na rede” podemos referir que a rede é maioritariamente heterogénea quanto ao sexo ($n = 298$; 66,8%). No que diz respeito à “idade na rede”, é igualmente heterogénea ($n = 257$; 57,6%). Quanto ao tipo de densidade da rede, verifica-se que os idosos apresentam maioritariamente redes coesas ($n = 378$; 84,8%).

A Confiança e as Características da Rede Social Pessoal

Na tabela 3, através do teste U de *Mann Whitney* comparámos as médias entre as subamostras e analisou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de idosos que confiam nada ou pouco e o grupo dos que confiam muito, de acordo com as seguintes variáveis: tamanho da rede, número de campos relacionais, proporção dos diferentes campos relacionais da rede e o nível de densidade da mesma.

Tabela 3.

Características estruturais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	Mann- Whitney
	n=119	n=327	N=446	
Tamanho da Rede	6,66 (3,68)	8,18 (5,73)	7,78 (5,30)	U= 17322,00 p= 0,075
Número de campos relacionais	1,72 (0,81)	1,73 (0,82)	1,73 (0,82)	U= 19429,50 p= 0,981
Proporção das relações familiares na rede	72,02 (31,33)	79,38 (25,29)	77,42 (27,19)	U= 17242,00 p= 0,053
Proporção das relações de amizade	13,32 (21,52)	11,58 (19,46)	12,05 (20,02)	U= 18905,00 p= 0,600
Proporção das relações de vizinhança	11,38 (24,06)	6,70 (13,70)	8,16 (17,17)	U= 18999,00 p= 0,630
Proporção das relações de trabalho	0,25 (1,90)	0,59 (3,85)	0,50 (3,44)	U= 19188,00 p= 0,426
Proporção das relações com técnicos	2,19 (7,35)	0,86 (4,13)	1,21 (5,21)	U=18428,00 p= 0,042
	n=102	n=314	N=416	
Nível de densidade	93,63 (16,58)	96,49 (10,29)	95,79 (12,18)	U= 15428,00 p= 0,379

Notas: N= número total de sujeitos; U= teste U Mann-Whitney; p= nível de significância; M= média; DP= desvio padrão

Verificou-se que de acordo com os Testes de Mann-Whitney as características estruturais da rede social pessoal apenas se distinguem significativamente no que se refere à proporção das relações com técnicos ($p=0,042$) não se distinguindo significativamente em mais nenhuma subamostra dos indivíduos que compõem os níveis de confiança.

Na tabela 4 verifica-se que existem diferenças significativas entre os indivíduos que compõem os diferentes níveis de confiança, notória em praticamente todas as características funcionais da rede social pessoal, à exceção do apoio material e instrumental ($p=0,146$).

Tabela 4.

Características funcionais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	M (DP) n=119	M (DP) n=327	M (DP) N=446	Mann-Whitney
Apoio Emocional	2,56 (0,43)	2,69 (0,37)	2,65 (0,39)	U= 16303,50 p= 0,007
Apoio Material e Instrumental	2,18 (0,56)	2,26 (0,58)	2,24 (0,58)	U= 17712,50 p= 0,146
Apoio Informativo	2,25 (0,55)	2,43 (0,49)	2,38 (0,51)	U= 15792,00 p= 0,002
Companhia Social	n=119 2,18 (0,48)	n=326 2,41 (0,45)	N=445 2,35 (0,47)	U= 14001,50 p= 0,000
Acesso a novos vínculos	n=118 2,07 (0,65)	n=326 2,24 (0,63)	N=444 2,19 (0,64)	U= 16343,00 p= 0,015
Reciprocidade de Apoio	n=119 3,06 (0,97)	n=327 3,48 (0,83)	N=446 3,37 (0,89)	U= 14493,00 p= 0,000
Satisfação com a rede	2,59 (0,56)	2,91 (0,28)	2,83 (0,40)	U= 13709,00 p= 0,000
Satisfação com o Suporte	n=113 2,48 (0,60)	n=292 2,80 (0,44)	N=405 2,71 (0,51)	U= 11808,50 p= 0,000

Notas: N= número total de sujeitos; U= teste U Mann-Whitney; p= nível de significância; M= média; DP= desvio padrão

Na tabela 5 verifica-se que de acordo com os Testes de *Mann-Whitney* não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às características relacionais-contextuais da rede social pessoal, relativamente à frequência de contactos (p=0,097), à dispersão geográfica (p=0,177) e à durabilidade da relação (p=0,517).

Tabela 5.

Características relacionais-contextuais segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	M (DP) n=119	M (DP) n=327	M (DP) N=446	Mann-Whitney
Frequência de contactos	2,36 (1,03)	2,16 (0,93)	2,22 (0,96)	U= 17464,50 p= 0,097
Dispersão geográfica	2,93 (0,96)	2,76 (0,93)	2,80 (0,94)	U= 17830,50 p= 0,177
Durabilidade da relação (em anos)	n=117 41,27 (11,37)	n=324 40,73 (11,44)	N=441 40,87 (11,41)	U= 18189,00 p= 0,517

Notas: N= número total de sujeitos; U= teste U Mann-Whitney; p= nível de significância; M= média; DP= desvio padrão

Verifica-se na tabela 6 que de acordo com o Teste do *Qui-Quadrado* outras características consideradas relevantes para o estudo relacionadas com a idade, sexo e densidade da rede social pessoal apenas se distinguem significativamente no que se refere à densidade ($p=0,029$) não se distinguindo significativamente em mais nenhuma subamostra em estudo.

Tabela 6.

Outras características segundo a confiança nas pessoas com quem se relaciona

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	n (%) n=119	n (%) n=327	N (%) N=446	Qui-Quadrado
Sexo na rede (n=446)				
Heterogénea no género	73 (16,4%)	225 (50,4%)	298 (66,8%)	$\chi^2= 2,909$; gl=2 $p= 0,234$
Homogénea género feminino	35 (7,8%)	71 (15,9%)	106 (23,8%)	
Homogénea género masculino	11 (2,5%)	31 (7,0%)	42 (9,4%)	
Idade na rede (n=446)				
Heterogénea na idade	62(13,9%)	195 (43,7%)	257 (57,6%)	$\chi^2= 6,261$; gl=3 $p= 0,100$
Homogénea no grupo idoso	16 (3,6%)	22 (4,9%)	38 (8,5%)	
Homogénea no grupo adulto	41 (9,2%)	108 (24,2%)	149 (33,4%)	
Homogénea no grupo jovem	0 (0,0%)	2 (0,4%)	2 (0,4%)	
Densidade da rede (n=416)				
Coesa	89(21,4%)	289 (69,5 %)	378 (90,9%)	$\chi^2= 7,059$; gl=2 $p= 0,029$
Fragmentada	11 (2,6%)	25 (6,0%)	36 (8,7%)	
Dispersa	2 (0,5%)	0 (0,0%)	2 (0,5%)	

Notas: n= número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl= graus de liberdade; p= nível de significância

Na tabela 7 é possível verificar que esta amostra certifica a tendência natural, em que se confere que os idosos que não tiveram qualquer corte relacional na rede são os que mais confiam nos outros indivíduos ($n=254$; 57,0%). A maioria não evidenciou qualquer corte relacional com 76,2% ($n = 340$), contra 23,8% ($n = 106$).

Tabela 7.

Confiança nas pessoas com quem se relaciona de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede

	Confiam nada ou pouco	Confiam muito	Total	Testes
	n=119 (26,7%)	n=327 (73,3%)	N=446 (100%)	Qui- Quadrado
	n (% total; % na subamostra)	n (% total; % na subamostra)	N (% total / % na subamostra)	
Cortes Relacionais na Rede				
Sim	33 (7,4 %; 27,7 %)	73 (16,4%; 22,3 %)	106 (23,8%)	$\chi^2= 1,408$; gl=1 $p= 0,235$
Não	86 (19,3%; 72,3 %)	254 (57,0%; 77,7 %)	340 (76,2%)	

Notas: n= número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl= graus de liberdade; p= nível de significância

Estudo Descritivo da Satisfação com as Relações Interpessoais

Na tabela 8 pode verificar-se que existe um maior número de idosos que estão satisfeitos com a relação que mantêm com os netos, apresentando uma média de 3,67, seguindo-se a satisfação com a relação com os filhos com uma média de 3,64 e com o cônjuge 3,43. O nível de satisfação com o cônjuge poderá ser mais baixo por existirem idosos que ou são solteiros ou viúvos, não respondendo assim a esta questão. Em todos os níveis de satisfação o mínimo é 1 e o máximo 4, encontrando-se assim uma variância no que respeita quer aos idosos quer à satisfação com a relação que mantêm com os outros indivíduos. É de notar ainda que o número de idosos varia no que respeita à satisfação com a relação com os outros, tendo em conta a existência ou não desses vínculos relacionais na sua vida, o que poderá estar a influenciar os resultados obtidos.

Tabela 8.

Características descritivas da satisfação com as relações interpessoais

	N	M	Me	Mo	Mín.	Máx.
Satisfação com as relações interpessoais						
Estou satisfeito com a relação que tenho com o meu cônjuge	255	3,43	4,00	4,00	1,00	4,00
Estou satisfeito com a relação que tenho com os meus filhos	390	3,64	4,00	4,00	1,00	4,00
Estou satisfeito com a relação que tenho com os meus netos	374	3,67	4,00	4,00	1,00	4,00
Estou satisfeito com a relação que tenho com os meus outros parentes (irmãos, primos, sobrinhos, etc.)	435	3,30	3,00	3,00	1,00	4,00
Estou satisfeito com a relação que tenho com os meus amigos	443	3,29	3,00	3,00	1,00	4,00
Estou satisfeito com a relação que tenho com os meus vizinhos	439	3,16	3,00	3,00	1,00	4,00

Notas: N= número total de sujeitos; M= média; Me= mediana; Mo= moda; Mín.= mínimo; Máx. = máximo

Estudo Descritivo da Satisfação com as Relações Interpessoais de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede

Na tabela 9, através do teste do *Qui-Quadrado* comparou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de idosos que se encontram nada satisfeitos, pouco satisfeitos, satisfeitos e muito satisfeitos com a relação com o cônjuge, filhos, netos, os outros parentes, amigos e vizinhos, de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede.

Tabela 9.

Características descritivas do nível de satisfação com as relações interpessoais de acordo com a existência ou não de cortes relacionais na rede

	Nada Satisfeito n=6 (2,4%) n (% total; % na subamostra)	Pouco Satisfeito n=14 (5,5%) n (% total; % na subamostra)	Satisfeito n=99 (38,8%) n (% total; % na subamostra)	Muito Satisfeito n=136 (53,3%) n (% total; % na subamostra)	Total N=255 (100%) N (% total)	Testes Qui- Quadrado
Relação com o cônjuge						
Cortes Relacionais						$\chi^2= 9,831$; gl=3 P= 0,020 Phi=0,196
Existem	3 (1,2%; 5,3%)	5 (2,0%; 8,8%)	28 (11,0%; 49,1%)	21 (8,2%; 36,8%)	57 (22,4%)	
Não existem	3 (1,2%; 1,5%)	9 (3,5%; 4,5%)	71 (27,8%; 35,9%)	115 (45,1%; 58,1%)	198 (77,6%)	
Relação com os filhos	n=5 (1,3%)	n=12 (3,1%)	n=102 (26,2%)	n=271 (69,5%)	N=390 (100%)	
Cortes Relacionais						$\chi^2= 28,646$; gl=3 P= 0,000 Phi=0,271
Existem	3 (0,8%; 3,1%)	7 (1,8%; 7,3%)	39 (10,0%; 40,6%)	47 (12,1%; 49,0%)	96 (24,6%)	
Não existem	2 (0,5%; 0,7%)	5 (1,3%; 1,7%)	63 (16,2%; 21,4%)	224 (57,4%; 76,2%)	294 (75,4%)	
Relação com os netos	n=4 (1,1%)	n=13 (3,5%)	n=86 (23,0%)	n=271 (72,5%)	N=374 (100%)	
Cortes Relacionais						$\chi^2= 31,009$; gl=3 P= 0,000 Phi=0,288
Existem	2 (0,5%; 2,2%)	10 (2,7%; 10,9%)	30 (8,0%; 32,6%)	50 (13,4%; 54,3%)	92 (24,6%)	
Não existem	2 (0,5%; 0,7%)	3 (0,8%; 1,1%)	56 (15,0%; 19,9%)	221 (59,1%; 78,4%)	282 (75,4%)	
Relação com os parentes	n=10 (2,3%)	n=27 (6,2%)	n=222 (51,0%)	n=176 (40,5%)	N=435 (100%)	
Cortes Relacionais						$\chi^2= 26,178$; gl=3 P= 0,000 Phi=0,245
Existem	6 (1,4%; 5,8%)	13 (3,0%; 12,5%)	60 (13,8%; 57,7%)	25 (5,7%; 24,0%)	104 (23,9%)	
Não existem	4 (0,9%; 1,2%)	14 (3,2%; 4,2%)	162 (37,2%; 48,9%)	151 (34,7%; 45,6%)	331 (76,1%)	
Relação com os amigos	n=5 (1,1%)	n=19 (4,3%)	n=263 (59,4%)	n=156 (35,2%)	N=443 (100%)	
Cortes Relacionais						$\chi^2= 6,677$; gl=3 P= 0,083
Existem	3 (0,7%; 2,9%)	4 (0,9%; 3,8%)	68 (15,3%; 65,4%)	29 (6,5%; 27,9%)	104 (23,5%)	
Não existem	2 (0,5%; 0,6%)	15 (3,4%; 4,4%)	195 (44,0%; 57,5%)	127 (28,7%; 37,5%)	339 (76,5%)	
Relação com os vizinhos	n=11 (2,5%)	n=45 (10,3%)	n=247 (56,3%)	n=136 (31,0%)	N=439 (100%)	
Cortes Relacionais						$\chi^2= 11,620$; gl=3 P= 0,009 Phi=0,163
Existem	4 (0,9%; 3,9%)	19 (4,3%; 18,4%)	54 (12,3%; 52,4%)	26 (5,9%; 25,2%)	103 (23,5%)	
Não existem	7 (1,6%; 2,1%)	26 (5,9%; 7,7%)	193 (44,0%; 57,4%)	110 (25,1%; 32,7%)	336 (76,5%)	

Notas: n= número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl= graus de liberdade; p= nível de significância

Pode-se observar que existe uma associação significativa entre o nível de satisfação com as relações interpessoais e a existência de cortes relacionais na rede,

notória em praticamente todos os níveis de satisfação com as relações interpessoais, à exceção da satisfação com a relação com os amigos. ($p=0,083$).

Associação entre as Variáveis funcionais da rede social pessoal, confiança nas pessoas com quem se relaciona e a satisfação com as relações interpessoais

Na Tabela 10, pode concluir-se que a confiança nas pessoas com quem se relaciona, se correlaciona positivamente e de forma estatisticamente significativa com a satisfação com os filhos, com os netos, com outros parentes, com os amigos e com os vizinhos ($p<0,001$). Já ao nível da confiança nas pessoas com quem se relacionam e da satisfação com o cônjuge não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas ($p<0,005$).

Tabela 10.

Coeficiente de correlação de Spearman entre as Características Funcionais da Rede Social Pessoal, confiança nas pessoas com quem se relaciona e a satisfação com as relações interpessoais

		C ¹	AE ²	AMI ³	AI ⁴	CS ⁵	ANV ⁶	RA ⁷	SR ⁸	SSS ⁹
Confiança nas pessoas com quem se relaciona	<i>Rho</i>	-	0,127*	0,071	0,151**	0,215**	0,119*	0,223**	0,356**	0,292**
	<i>n</i>	-	446	446	446	445	444	446	446	405
Satisfação com cônjuge	<i>Rho</i>	0,165*	0,248**	0,174*	0,211**	0,227**	0,180**	0,235**	0,184**	0,216**
	<i>n</i>	255	255	255	255	255	255	255	255	228
Satisfação com filhos	<i>Rho</i>	0,251**	0,181**	0,037	0,155**	0,073	0,106*	0,132*	0,299**	0,225**
	<i>n</i>	390	390	390	390	390	390	390	390	354
Satisfação com netos	<i>Rho</i>	0,210**	0,152**	0,072	0,186**	0,069	0,115*	0,160**	0,268**	0,152*
	<i>n</i>	374	374	374	374	374	374	374	374	344
Satisfação com outros parentes	<i>Rho</i>	0,167**	0,136**	0,038	0,236**	0,069	0,170**	0,204**	0,239**	0,197**
	<i>n</i>	435	435	435	435	435	435	435	435	394
Satisfação com amigos	<i>Rho</i>	0,242**	0,182**	0,011	0,149**	0,118*	0,092*	0,163**	0,228**	0,243**
	<i>n</i>	443	443	443	443	442	441	443	443	402
Satisfação com vizinhos	<i>Rho</i>	0,211**	0,165**	0,020	0,133*	0,110*	0,073	0,172**	0,241**	0,126*
	<i>n</i>	439	439	439	439	438	437	439	439	398

Notas: **Rho**= Coeficiente de Correlação de Spearman ; **n**= número total de sujeitos; ** Correlação significativa ao nível de 0,01; *Correlação significativa ao nível de 0,05; ¹ Confiança nas pessoas com quem se relaciona; ² Apoio Emocional; ³ Apoio Material e Instrumental; ⁴ Apoio Informativo; ⁵ Companhia Social; ⁶ Acesso a Novos Contactos; ⁷ Reciprocidade e Apoio; ⁸ Satisfação com a Rede; ⁹ Satisfação com o Suporte Social

A correlação entre a confiança nas pessoas com quem se relaciona e as características funcionais da rede social pessoal vai no sentido positivo. No entanto, apesar de praticamente todas as características funcionais da rede social pessoal permitirem a obtenção de significado estatístico, a correlação da confiança nas pessoas com quem se relaciona alcançada com o “apoio emocional” não é estatisticamente significativa ($p=0,007$), assim como com o apoio material e instrumental ($p=0,134$) e por fim com o acesso a novos contactos ($p=0,012$). Assim, o nível de confiança nas pessoas com quem se relaciona, está significativamente e positivamente relacionado com o “apoio informativo”, a “companhia social”, a “reciprocidade de apoio”, a “satisfação com a rede” e a “satisfação com o suporte social”, ou seja, quanto mais elevada for a perceção de apoio informativo, de companhia social, de reciprocidade e de satisfação com a rede e suporte social, maior o nível de confiança nas pessoas com quem se relacionam. No que diz respeito à satisfação com as relações interpessoais nomeadamente ao nível do cônjuge correlacionada com as características funcionais da rede social pessoal, obteve-se significado estatístico, não sendo no entanto tão relevante no que diz respeito ao “apoio material e instrumental” ($p=0,005$). No que concerne à mesma correlação mas desta vez ao nível da satisfação com os filhos existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do apoio emocional ($p=0,000$), informativo ($p=0,002$), satisfação com a rede e com o suporte social ($p=0,000$). É ao nível da satisfação com os outros parentes que se evidenciam os resultados mais significativos ao nível de todas as características funcionais, exceção feita ao apoio material e instrumental ($p=0,427$) e à companhia social ($p=0,148$) onde não se obteve quaisquer resultados significativos. Ao nível da satisfação com os netos e com os amigos evidenciam-se resultados significativos no que diz respeito ao apoio emocional, informativo, acesso a novos contactos, reciprocidade e satisfação com a rede e suporte. De forma idêntica também os vizinhos registam as mesmas significâncias que os anteriores, exceção feita à satisfação como suporte social, onde não se evidenciaram resultados estatísticos significativos ($p=0,012$).

Deste modo pode se concluir que nomeadamente o apoio emocional e informativo juntamente com a satisfação com a rede se correlacionam significativamente com o nível de satisfação com as relações interpessoais.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Neste estudo propusemo-nos analisar as redes sociais pessoais dos idosos com idade igual ou superior a 65 anos, de forma a analisar a associação das suas características ao nível de satisfação com as relações interpessoais, assim como à confiança nas pessoas com quem se relacionam.

Porém, antes de prosseguir na abordagem do objetivo central do estudo, é relevante analisar e discutir algumas características descritivas da composição da amostra.

No que diz respeito aos dados da amostra mais concretamente no que se refere ao sexo e à idade verificou-se que os resultados vão ao encontro do esperado, onde se verifica que o peso dos idosos na estrutura populacional tem vindo a aumentar de forma significativa. A proporção da população idosa em Portugal (com mais de 65 anos de idade), que representava 8,0% do total da população em 1960, mais do que duplicou, passando para 19,1%, em 2011 (Chau et al., 2012). Este aumento refletiu, sobretudo, o crescimento da população feminina desta faixa etária que teve um acréscimo de cerca de 80% (Chau et al., 2012). Segundo o INE (2011), é possível verificar que a nossa população idosa atualmente não é homogénea, prevalecendo o sexo feminino comparativamente com o masculino, 16,8% dos indivíduos com 65 ou mais anos são homens e 21,3% são mulheres. Considerando o estado civil, verifica-se que a maioria dos inquiridos são casados ou vivem em união de facto (51,6%). Este valor aproxima-se com o valor registado atualmente, segundo dados do INE (2011), em que o maior grupo da população (47%) era casado. No âmbito das pesquisas sobre o impacto da estrutura familiar ou do arranjo domiciliário sobre a saúde, grande parte delas têm mostrado maior longevidade das pessoas casadas quando comparadas com as não casadas (Murray, 2000, cit. in Rosa & Benicio, 2009). As pessoas que têm uma melhor saúde também se encontram no grupo dos casados

(Rosa & Benicio, 2009). Ao nível da escolaridade verifica-se que a maioria dos idosos da nossa amostra apresenta escolaridade (65,9%), sobretudo ao nível da quarta classe (50,7%), Segundo dados do INE (2011), o nível de instrução atingido pela população em Portugal progrediu de forma muitíssimo expressiva na última década.

Tendo presente o objetivo do estudo, foi possível constatar que numerosas variáveis sociodemográficas, como a idade, o sexo, as habilitações literárias ou aspetos residenciais, não aparentam estar relacionadas com a confiança nas pessoas com quem se relacionam, nas múltiplas dimensões consideradas. Em contrapartida, as variáveis que aparecem relacionadas com a confiança nas pessoas com quem mantem um relacionamento, são aquelas que, de forma mais ou menos direta, estão igualmente associadas ao domínio pessoal a saber: o estado civil e a existência ou não de filhos, onde encontramos associações significativas sendo os valores de $p \leq 0,001$ e $0,000$ respetivamente. É de salientar ainda que nem mesmo a possível existência de cortes relacionais parece afetar a confiança nas pessoas com quem se relacionam.

Considerando primariamente a confiança nas pessoas com quem se relacionam de acordo com as características estruturais da rede social pessoal verifica-se não existirem alterações significativas na maioria dos casos, exceção feita à proporção das relações com os técnicos, que nos leva a crer que os idosos dão importância à relação com os técnicos, confiando ou não nos mesmos. Os pacientes idosos esperam que o técnico seja amistoso, cordial, gentil, carinhoso e solidário, oferecendo-lhes o apoio emocional de que necessitam (Vianna, Vianna & Bezerra, 2010, p. 151). Os idosos desejam ser acolhidos de forma cuidadosa e esta relação é baseada na confiança que o profissional inspira e na compreensão do idoso sobre a realidade do mesmo (Vianna, Vianna & Bezerra, 2010, p. 151).

De acordo com as características funcionais verifica-se que existem diferenças significativas entre os indivíduos que compõem os diferentes níveis de confiança, notória em praticamente todas as características da rede social pessoal, a saber: apoio emocional, apoio informativo, companhia social, acessos a novos vínculos, reciprocidade de apoio e satisfação com a rede e suporte social. Inspirado nos constructos de Cohen e Will (1985) Cutrona e Russel (1990) Powell e Enright (1990) e

também Vaz Serra (1999) (cit in. Martins s.d) referem que o apoio emocional corresponde aos sentimentos de apoio e segurança que a pessoa pode receber e que a ajuda a ultrapassar os problemas. O apoio informativo constitui o conjunto de informações e conselhos que ajudam as pessoas a compreender melhor situações complexas, facilitando a tomada de decisões. Em contrapartida é apenas no apoio material e instrumental que não se verifica associação significativa. Este caracteriza-se por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas e que servem para resolver problemas práticos e/ou facilitar a realização de tarefas quotidianas. Este tipo de apoio, tem como finalidade diminuir a sobrecarga das tarefas e deixar tempo livre para atividades de lazer. O apoio material só é efetivo, quando o recetor percebe esta ajuda como apropriada. Se isto não acontece a ajuda é avaliada como inadequada, o que pode acontecer sempre que o sujeito sente ameaçada a sua liberdade ou se sente em dívida (Martins, s.d). Verificamos que os resultados demonstram que o apoio emocional é o que apresenta uma média mais elevada ($M=2,65$), o que indica que o apoio percebido como provido pela rede varia entre “algum” e “muito”. São os idosos que mais confiam que revelam ter uma média ligeiramente mais elevada ($M=2,69$) de apoio emocional na rede, o que poderá ser a consequência uma da outra. Ainda nas características funcionais da rede, relativamente à satisfação com a rede por parte dos idosos, os resultados indicam-nos que são os idosos que mais confiam ($M=2,91$) que apresentam uma média mais elevada de satisfação com a rede. Este resultado indica-nos que os idosos que mais confiam estão mais satisfeitos quer com a sua rede social pessoal quer com o suporte social, o que já seria expectável. Este suporte social é pois entendido como a ajuda e a assistência providas e recebidas por pessoas de confiança (Novak & Campbell, 2006, McDowell, 2006, cit in. Ferreira & Marques, 2012).

Certo é que este apoio social tem um efeito direto sobre o bem-estar, fomentando a saúde independentemente do nível de stress, o que significa que quanto maior for o apoio menor será o mal-estar psicológico experimentado e quanto menor for o apoio maior será a incidência dos problemas (Martins, s.d). Numa lógica contrária, depreende-se que os indivíduos sem redes interpessoais terão menos relações de suporte social (Ferreira & Marques, 2012).

No que diz respeito às características relacionais-contextuais da rede social pessoal apenas se distinguem significativamente no que se refere à frequência dos contactos ($p=0,097$) não se distinguindo significativamente em mais nenhuma variável desta dimensão. Deste modo é de realçar que se verificam diferenças nas características funcionais da rede o que não acontece nas estruturais, e nas relacionais-contextuais.

Pode-se observar que existe uma associação significativa entre o nível de satisfação com as relações interpessoais e a existência de cortes relacionais na rede, notória em praticamente todos os níveis de satisfação com as relações interpessoais, à exceção da satisfação com a relação com os amigos.

A confiança nas pessoas com quem se relaciona, correlaciona-se de forma estatisticamente significativa com a satisfação com os filhos, com os netos, com outros parentes, com os amigos e com os vizinhos ($p < 0,001$). Já ao nível da confiança nas pessoas com quem se relacionam e da satisfação com o cônjuge não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,005$). Estudos apontam para que os inquiridos sem e com redes interpessoais referirem que as suas principais fontes de apoio emocional são os filhos e os netos (Ferreira & Marques, 2012). Ser avô/avó é de acordo com Erikson et al (1986) (cit in. Paul s.d) um papel que conduz a maior felicidade, satisfação e bem-estar para os idosos que sofrem vários tipos de perdas noutras áreas, nomeadamente relacionais, como a morte de pares.

Em síntese, pode-se concluir que no que diz respeito à confiança nas pessoas com quem o idoso se relaciona e ao nível de satisfação com o relacionamento interpessoal, as relações familiares de filhos, netos e outros parentes são as que mais oferecem confiança aos idosos e consequentemente apoio social durante o processo de envelhecimento, o qual é complementado por outras relações interpessoais de confiança, designadamente as que são estabelecidas com amigos e vizinhos.

O cuidador familiar prestado a idosos continua a ser de extrema importância para o bem-estar dos mais velhos, mesmo nas sociedades desenvolvidas atuais, onde continua a ser a família a assumir a imensa maioria das tarefas de apoio (Tennstedt & McKinlay, 1989, cit in. Paúl s.d).

O nível de confiança nas pessoas com quem se relaciona, está significativamente e positivamente relacionado com o “apoio informativo”, a “companhia social”, a “reciprocidade de apoio”, a “satisfação com a rede” e a “satisfação com o suporte social”, ou seja, quanto mais elevada for a percepção de apoio informativo, de companhia social, de reciprocidade e de satisfação com a rede e suporte social, maior o nível de confiança nas pessoas com quem se relacionam.

Ao longo dos anos tem-se verificado uma diminuição significativa do tamanho da rede social, em todas as suas dimensões; um aumento significativo do número de confidentes com o nível de escolaridade; diferenças significativas entre homens e mulheres no número de familiares e confidentes que fazem parte da rede e que são em maior número para as mulheres e, finalmente observou-se um aumento significativo do tamanho da rede familiar com a ruralidade (Paúl, s.d).

Em suma pode-se verificar que as alterações na estrutura etária da população portuguesa, diz-nos Dinis (1997, cit in. Martins, 2002), traduzem-se fundamentalmente pelo aumento da população idosa, que resulta dos fatores apresentados a seguir:

- da diminuição constante da taxa de natalidade: em que as gerações deixam de ser substituídas numericamente e o lugar dos adultos e dos "velhos" aumenta no total. O declínio da taxa de natalidade está associado a diversos fenómenos, como a redução da nupcialidade, o casamento tardio, a emancipação da mulher e a sua maior participação no mercado de trabalho;

- do aumento "significativo" da esperança de vida, resultante das melhores condições sociais e tecnológicas, dos progressos da medicina preventiva, curativa e reabilitadora.

Nazareth (1998, cit in. Martins, 2002) acrescenta que "para além da dinâmica das inter-relações entre mortalidade e natalidade não podemos ignorar o conceito de "nicho ecológico humano". O homem é um ser dotado de uma grande mobilidade e as migrações, ao serem seletivas, produzem necessariamente impactos estruturais importantes.

A conjugação de todos estes fatores convergem para mudanças significativas no contexto demográfico e começam a acarretar uma série de alterações sociais,

culturais e epidemiológicas que irão contribuir para um ajustar da rede social de cada indivíduo.

Em forma de conclusão, torna-se necessário olharmos para esta faixa etária com outros olhos. É preciso potenciar tanto a experiência como as capacidades das pessoas idosas de modo a dar-lhes oportunidades para intervirem na vida em sociedade. Por isso, e como medida para a inclusão social, destaca-se a importância da integração das pessoas idosas no seio da família e na sociedade, constituindo um intercâmbio de forças e potencialidades favorável a todas as partes (INE, 2006).

Por último, ainda a assinalar algumas das limitações sentidas no decurso deste estudo que são comuns à grande parte dos estudos de carácter científico e que diz respeito a dificuldade sentida na recolha de dados, em que houve alguma impaciência por parte de alguns idosos em responder aos questionários.

Ainda existem poucos estudos dentro desta temática em Portugal e, sendo assim, esta investigação pretendeu, mais uma vez, dar visibilidade a um problema da atualidade que deverá ser alvo da maior atenção e intervenção por parte de toda a sociedade.

Assim sendo, seria pertinente a continuidade deste estudo noutros contextos, aprofundando mais a confiança, assim como a satisfação com as relações interpessoais, dado os estudos serem um pouco escassos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aiken, L. (1995). *An introduction to gerontology*. New York: Sage Publications.
- Aun, J. G. (1999). *A proposta de redes no atendimento em saúde mental*. Equipis: MG, mimeo.
- Areosa, S. V. C., Benitez, L. B & Wichmann, F. M. A. (2012). *Relações familiares e o convívio social entre idosos*. Porto Alegre: Textos & contextos.
- Balsa, C. (2006). *Confiança e laço social*. Ceos/Inquéritos.
- Barbosa, A. (1989). *Aspectos psicossociais da úlcera duodenal*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Medicina, Lisboa.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: separation*. New York: Basic Books, 2.
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A., Jerónimo, P. & Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Chau, F., Soares, C., Fialho, J. A. S. & Sacadura, M. J. (2012). *O Envelhecimento da população: dependência, ativação e qualidade*. Centro de estudos dos povos e culturas de expressão portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas Universidade Católica.
- Cruz, E. B. L. (2001). *Estudo da relação entre a qualidade de vida relacionada com saúde e o bem-estar psicológico: a satisfação com a vida e o apoio social*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Fachada, M. O. (1991). *Psicologia das relações interpessoais*. Lisboa: Edições Rumo.
- Feijó, M. (2002). *Roupa suja só se lava em casa? A importância da rede social no trabalho psicoterapêutico*. Dissertação de Mestrado, São Paulo.
- Ferreira, P. & Marques, T. (2012). *Redes sociais e envelhecimento*. VII Congresso Português de Sociologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- Guadalupe, S. (2001). *Intervenção em rede e doença mental*. *Revista Psiquiatria e Saúde Mental*. Acedido em 20, Setembro, 2014, em <http://www.cpihts.com/PDF03/Sonia%20Guadalupe.pdf>
- Guiomar, V. C. R. V. (2010). *Compreender o envelhecimento bem-sucedido a partir do suporte social, qualidade de vida e bem-estar social dos indivíduos em idade avançada*. Trabalho de Mestrado, Instituto Politécnico de Beja.
- INE (2011). *Censos 2011 – Resultados provisórios*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. I.P.

- Lemos, M. (2013). *Parecer de iniciativa sobre as consequências económicas, sociais e organizacionais decorrentes do envelhecimento da população*. Portugal: Conselho económico e social.
- Martins, R. M. L. (2002). Envelhecimento demográfico. *Millenium*, 26.
- Martins, R. M. L. (s/d). A relevância do apoio social na velhice. *Educação, Ciência e Tecnologia*, 128.
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Nazareth, J. M. (1994). O envelhecimento demográfico da população portuguesa no início dos anos noventa. *Geriatrics*, 7 (64), 5-17.
- Paul, C. (s/d). *Envelhecimento activo e redes de suporte social*. Porto: Departamento de ciências do comportamento.
- Ramos, M. P. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 4 (7) 156-175.
- Resende, M. C., Bones, V. M., Souza, I. S. & Guimarães, N. K. (s.d). *Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos*. Acedido em 20, Setembro, 2014, em <http://psicolatina.org/Cinco/rede.html>
- Ribeiro, J. L.P. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (17) 547-558.
- Rosa, T. E. C. & Benicio, M. H. D. (2009). As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influencia sobre a saúde. *Envelhecimento e Saúde*, 47, 80-83.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistémica*. Casa do Psicólogo.
- Vianna, L. G., Vianna, C. & Bezerra, F. J. C. (2010). Relação médico-paciente idoso: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34 (1) 150-159.
- Vicente, H. M. T. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: perspectiva sistémica*. Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro.

ANEXO